

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Especialização *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica

Raíssa Magalhães Angrissano

Cinema de Animação e Diversidade: Narrativas sobre Gênero e Raça no
contexto escolar

Belo Horizonte
2019

Raíssa Magalhães Angrissano

Cinema de Animação e Diversidade: Narrativas sobre Gênero e Raça no contexto
escolar

Monografia apresentada ao Curso de Especialização como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade pelo curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientadora: Prof.^a Dra. Katia Pedroso Silveira

Belo Horizonte

2019

A593c
TCC

Angrissano, Raíssa Magalhães, 1988-
Cinema de animação e diversidade [manuscrito] : narrativas sobre gênero e raça no contexto escolar / Raíssa Magalhães Angrissano. - Belo Horizonte, 2019.
54 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Katia Pedroso Silveira.
Bibliografia: f. 39-40.
Anexos: f. 41-54.

1. Educação. 2. Cinema na educação. 3. Animação (Cinematografia). 4. Ensino audiovisual. 5. Arte na educação -- Relações raciais. 6. Arte na educação -- Relações de gênero. 7. Educação -- Relações raciais. 8. Educação -- Relações de gênero.
I. Título. II. Silveira, Katia Pedroso, 1963-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.33523

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG
(Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO SEXTO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Cinema de animação e Diversidade: narrativas sobre gênero e raça no contexto escolar”, do(a) aluno(a) **Raissa Magalhães Angrisano**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Kátia Pedrosa Silveira (orientador) e Clarisse Maria Castro de Alvarenga. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovada, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Raissa M Angrisano
Raissa Magalhães Angrisano

Registro na UFMG: 2018750857

Kátia Pedrosa Silveira
Kátia Pedrosa Silveira
Professor(a) Orientador(a)

Clarisse Maria Castro de Alvarenga
Clarisse Maria Castro de Alvarenga
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de um folioscópio	20
Figura 2 - Exemplo de um taumatrópio	21
Figura 3 - Exemplo de criação de animação com a técnica de stop motion.....	22
Figura 4 - Imagem da animação “Alma não te cor”	25
Figura 5 - Imagem da animação “Agora vai acabar”	32
Figura 6 - Imagem produzida na animação Alma não tem cor	43
Figura 7- Aluna criando a sequencia de desenhos da animação Alma não tem cor.	44
Figura 8 - Alunas fazendo a arte final nos desenhos com pincel e tinta nankin	44
Figura 9 - Aluna usando a mesa de luz para criar a sequencia de desenhos na animação.....	45
Figura 10 - Aluna arte finalizando desenho com caneta nankin	45
Figura 11 - Exibição da animação “Alma não tem cor”.....	46
Figura 12 - Desenhos originais da animação “Alma não tem cor ”	46
Figura 13 - Alunas visitando a exposição de desenhos do projeto.....	47
Figura 14 - Imagem do vídeo: Agora Vai Sentar (MCs Jhowzinho e Kadinho) - Jo Castanheira, Mari Nolasco, Carol e Vitoria Marcilio	48
Figura 15 - Imagem do vídeo: Desigualdade de Gênero.....	48
Figura 16 - Imagem do vídeo: Igualdade de Gênero.....	49
Figura 17 - Imagem do vídeo: Elza Soares - Maria da Vila Matilde.....	49
Figura 18- Imagem do vídeo: Kell Smith - Respeita as Mina	49
Figura 19 - Imagem do vídeo Negra Tinta - Bia Ferreira e Caru Bonifácio	50
Figura 20 - Imagem do vídeo de Bia Ferreira - Cota Não é Esmola.....	50
Figura 21- Imagem do vídeo: “Alma não tem cor” (Chico Cèsar).....	50
Figura 22- Imagem do vídeo: 2 minutos para entender - Desigualdade Racial no Brasil	51
Figura 23- Imagem do vídeo: Você sabe o que é racismo?	51
Figura 24 - Imagem do Filme: Histórias cruzadas	51
Figura 25 - Imagem do filme Kiriku e a feiticeira	52
Figura 26 - História trágica com final feliz	52
Figura 27 - Imagem do filme Luminaris	52
Figura 28 - Imagem do vídeo Nina Simone - "My baby Just care for me”	53

Figura 29 - Imagem da animação MUTO – Fonte:Youtube.....	53
Figura 30 - Imagem da animação Rotoscopia sweet dreams	53

“Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

Boaventura de Souza Santos

AGRADECIMENTOS

Animação vem do latim *animare*, que significa: “dar vida a.”

Agradeço a todos aqueles que deram vida a este trabalho. Em especial às alunas, os alunos e os professores que se envolveram na criação do trabalho e tornaram este projeto possível.

SUMÁRIO

1. POR OUTRAS NARATIVAS.....	10
1.1 A escola.....	11
1.2 O Grupo de alunos.....	12
2 CINEMA DE ANIMAÇÃO E DIVERSIDADE: REPRESENTATIVIDADE EM CENA	14
3.DIVERSIDADE	16
4 O PERCURSO	18
4.1 1º Módulo do projeto. Relações étnico-raciais na escola e o mito da democracia racial.....	23
4.2 O processo de criação da animação “Alma não tem cor”.....	25
4.3 2º Módulo do projeto: Uma questão de gênero.....	30
4.4 O processo de Criação da animação “Agora vai acabar!”.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS	41
ANEXO A – LINK PARA ASSISTIR AS ANIMAÇÕES	41
ANEXO B – LINK PARA OUVIR AS PARÓDIAS ESCRITAS E GRAVADAS PELAS ALUNAS.....	41
ANEXO C: IMAGENS DO PROJETO	43
ANEXO D - VÍDEOS EXIBIDOS PARA SENSIBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA DE GÊNERO E DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS.....	48

RESUMO

O projeto “Cinema de animação e diversidade” exibiu, discutiu e produziu vídeos que abordaram a temática diversidade e questionaram a reprodução dos discursos hegemônicos presentes no cinema e em outras mídias. O trabalho teve duração de seis meses e foi desenvolvido em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, com uma turma de sétimo ano, durante as aulas de Arte e teve como objetivo contribuir para a formação crítica-reflexiva dos alunos, desenvolvendo sua percepção para questões sociais mais amplas. Esta experiência também apontou para o uso do cinema e da linguagem visual em sala de aula, enquanto possibilidade de aprendizado e comunicação, respeitando os diferentes lugares do saber e as diversas formas de se comunicar. Ao final do projeto foram desenvolvidas duas animações com as temáticas de gênero e relações étnico-raciais, sendo uma delas apresentada em uma sessão de cinema aberta a toda comunidade escolar.

Palavras-Chave: Cinema. Animação. Diversidade.

1 POR OUTRAS NARATIVAS...

Escrever este trabalho não tem sido uma tarefa tão fácil, a minha expressão nunca se deu muito bem pelas palavras, seja ela falada, seja ela escrita. Talvez por isso tenha logo quando criança enveredado pelo caminho das imagens, falar através da arte para mim sempre foi mais fácil, cada traço, risco ou rabisco do desenho contorna em mim o que na língua trava.

Se pudesse escreveria tudo através de desenhos, acredito que a arte oferece outras formas de narrar experiências. A Escola e a Universidade ainda precisam derrubar as fronteiras entre a escrita e a narrativa visual, pois apesar do discurso de compreensão das diversas inteligências, a academia ainda insiste em hierarquizar o saber e avaliar os mesmos processos de conhecimento centralizados na escrita. Valorizar outros saberes é necessário para ouvir outras vozes.

Vozes que ecoam além das dos homens brancos que gritam por séculos seus discursos racistas e sexistas. Nossos corpos lésbicos, gays, gordos, trans, bissexuais, negros e periféricos querem gritar também! Queremos ver, ouvir e sentir nossas vozes no cinema, nos livros, na TV, nas rádios, nas ruas, na vida!

Afinal, falar de diversidade é falar de muitos lugares, falar de raça, de gênero, de sexualidade, de cultura, de desigualdades, de busca por igualdade, de relações entre colonizador e colonizados, de privilégios, de oportunidades.

O projeto “Cinema de animação e diversidade” nasceu do desejo de ouvir a voz dos alunos através do compartilhar experiências, respeitando os diferentes lugares do saber e as diversas formas de se comunicar. Durante os estudos em cinema de animação partilhamos ideias, vivências e saberes acerca da arte, do cinema e da tecnologia audiovisual. Tecemos novas formas de criar e conviver no ambiente escolar. Resignificando esses espaços, seja transformando-os em laboratórios de criação artística, seja construindo uma sala de cinema.

O trabalho teve duração de seis meses. Durante este período foram exibidos, discutidos e produzidos vídeos que abordaram a temática diversidade e questionaram a reprodução dos discursos hegemônicos presentes no cinema e em

outras mídias.

O objetivo deste trabalho, foi o de contribuir para a formação crítica-reflexiva dos alunos, desenvolvendo sua percepção para questões sociais mais amplas.

Neste trabalho criamos narrativas através da arte e da animação. Os dois vídeos produzidos falaram um pouco sobre gênero e relações étnico-raciais.

1.1 A escola

O projeto foi desenvolvido em uma Escola Municipal onde trabalhei como Professora de Arte de dezembro de 2014 até julho de 2019.

A escola está localizada na regional oeste de Belo Horizonte e oferece Ensino Fundamental para os anos iniciais e finais e Educação de Jovens e Adultos. A escola é uma das maiores da rede municipal, tanto em espaço físico quanto em contingente de alunos.

Atende atualmente, 1210 estudantes, divididos em 47 turmas, em três turnos. Ela conta com 150 funcionários, sendo 75 professores. Foi fundada em 1970, tendo, portanto, 48 anos de idade. Embora antiga, com a infraestrutura física danificada e carente de reformas, possui um conjunto de recursos materiais satisfatórios, contando com Laboratório de Informática, Smart TVs, DVD, videogames, notebook e projetor multimídia, compondo a sala multimeios, além de, um amplo acervo de literatura infantojuvenil e videoteca. Todos esses recursos ficam à disposição do professor mediante agendamento.

Com relação aos espaços de aprendizagem, a escola é composta por 22 salas de aula, sala de professores, Laboratório de Ciências, duas quadras esportivas e parque infantil. Além disso, possui biblioteca, secretarias, diretoria, cantina e pátio coberto, porém não possui nenhuma sala de arte.

A localidade onde está instalada a escola é residencial, com alguns pequenos comércios. Os estudantes da escola residem no próprio bairro, e nos circunvizinhos. A violência e o tráfico de drogas são problemas sociais da região. Esses problemas

se refletem nas práticas escolares em muitos aspectos, uma vez que os alunos presenciam diuturnamente troca de tiros, assassinatos e outros tipos de violência, inclusive a doméstica. Isso fica comprovado no relato deles mesmos, em diálogos formais e informais.

A escola oferece a educação de tempo integral, por meio do projeto Escola Integrada, que possibilita aos alunos estenderem a permanência na escola por mais um turno, durante o qual se dedicam a oficinas de Capoeira, dança e música. No entanto, tal projeto é optativo e depende da oferta de vagas disponíveis, de forma que nem todos participam.

O maior problema enfrentado pela escola se refere a questões de violência. Apesar de haver muitas situações de violência física, a maior parte das violências se manifestam de maneira psicológica em situações de racismo, machismo, sexismo, homofobia e gordofobia entre os alunos, professores e funcionários.

1.2. O Grupo de alunos

Este projeto foi desenvolvido com alunos de uma turma de sétimo ano do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. O Grupo era formado por 32 estudantes, com idades entre 12 e 14 anos. A turma, assim como outras, apresentava problemas de disciplina. Alguns destes alunos eram vistos por outros professores como alunos “problema”, aqueles que nunca abrem o caderno para escrever, ou que não realizam quase nenhuma das atividades.

No entanto, a maior parte destes alunos que apresentavam problemas de rendimento ou disciplina em outras matérias, demonstravam um grande interesse pelas aulas de arte e possuíam forte participação em todas as atividades propostas.

Apesar de toda a turma vivenciar a experiência no desenvolvimento das animações, apenas vinte alunas e alunos participaram da criação dos vídeos finais. Estes educandos já possuíam facilidade e habilidade com a técnica de animação, outros, mesmo sem tanto conhecimento no assunto, demonstraram desejo em participar do projeto de outras formas, somando então no processo de criação.

Estes adolescentes são de uma geração audiovisual. Antes mesmo de aprender a ler, já escutavam e viam histórias em desenhos e filmes. Utilizam redes sociais, jogam e usam plataformas de vídeos com frequência. Tudo isso agrega conhecimento e habilidades aos sujeitos. Eles se comunicam de diversas formas. A escola muitas vezes nega essas formas de comunicação e aprendizado. A criação dos vídeos proporcionou aos alunos outras formas de participar de escrever suas histórias.

2 CINEMA DE ANIMAÇÃO E DIVERSIDADE: REPRESENTATIVIDADE EM CENA

O Cinema é um veículo de comunicação de massa que influencia nos nossos modos de atuar, pensar e ser no mundo, cada filme carrega suas marcas e discursos, grande parte destes estruturados por pensamentos hegemônicos.

Imersos em uma sociedade imagética onde tudo é propaganda na linha do horizonte devemos repensar como o consumo cultural e de imagens reverberam em nossas criações e leitura de mundo, reforçando estereótipos, ideologias, crenças e preconceitos.

Como essas imagens chegam aos alunos? Eles se veem representados? Não se ver representado na mídia ou se ver representado de maneira estereotipada, apenas reforça as violências vividas pelas minorias.

O projeto surge então como um convite para a (re) invenção do cinema de animação para os alunos. Subvertendo a ordem que nos é oferecida pelos processos midiáticos criando e pensando em um cinema com representatividade. (Re) pensar o cinema é uma forma de subverter o olhar.

O Cinema, assim como todas as artes, diz do seu tempo, das mudanças e avanços na tecnologia audiovisual e sobre como essa tecnologia é consumida. Muitos alunos nunca foram ao cinema, sendo que todo contato que tiveram com a sétima arte sempre aconteceu através das telas de televisão, celulares, tablets e notebooks.

Apesar de a tecnologia ampliar o acesso a filmes, ela retira o corpo de algumas experiências que só as grandes telas e salas de cinema nos permitem. O cinema leva ao corpo outros gostos, sons e imagens sempre que assistimos a um filme. Alguns alunos nunca vivenciaram o cinema dessa forma.

Para além da experiência estética, devemos pensar na experiência política em se colocar corpos periféricos ocupando a cidade e vivendo a arte, retirando-os de seu apartheid social e lhes dizendo que aqueles locais de cultura são espaços de direito.

Pensar em um cinema de animação pela diversidade também é um exercício para mim enquanto professora. Não quero fazer e pensar apenas em um cinema de

animação consumo, mas sim no cinema como memória cultural, como a voz de um tempo e de seus sujeitos históricos.

O cinema de animação traz em si uma potência enorme, pois permite-nos a magia de criar imagens do impossível, abrindo portas de realidades ilusórias.

Apesar desse infinito de possibilidades que a animação nos traz o que quase sempre assistimos nos desenhos são diferentes versões da mesma história. As mesmas histórias de lutas, monstros, princesas, animais que falam, heróis. Estereótipos da imagem que desde a infância constroem nosso imaginário de sociedade.

Para expandir o olhar é preciso (re)pensar as lógicas de reprodução de discursos.

Quais vozes queremos ter? Quais vozes queremos ouvir neste processo de interlocução?

3 DIVERSIDADE ...

Ao consultarmos o dicionário à procura da definição da palavra DIVERSIDADE vamos encontrar diferença, dessemelhança. Isso pode nos levar a pensar que a diversidade diz respeito somente aos sinais que podem ser vistos a olho nu. Porém, se ampliarmos a nossa visão sobre as diferenças e dermos a elas um trato cultural e político poderemos entendê-las de duas formas: 1) as diferenças podem ser empiricamente observáveis. 2) as diferenças também são construídas ao longo do processo histórico, nas relações sociais e nas relações de poder. Muitas vezes, os grupos humanos tornam o outro diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo. Por isso, falar sobre a diversidade cultural não diz respeito apenas ao reconhecimento do outro. Significa pensar a relação entre o eu e o outro (GOMES, 1999, p.01).

Quando refletimos e discutimos sobre diversidade precisamos nos despir dos preconceitos e visões limitantes de mundo. Segundo Nilma Lino Gomes a discussão sobre diversidade precisa abranger a discussão política, as relações de poder impostas entre os grupos sociais e os padrões e valores que regulam essas relações.

Somos sujeitos sociais, históricos, culturais e por isso mesmo diferentes. Mas somos respeitados em nossas diferenças?

(...) é importante ponderar que a luta pelo direito às diferenças sempre esteve presente na história da humanidade e sempre esteve relacionada com a luta dos grupos e movimentos que colocaram e continuam colocando em xeque um determinado tipo de poder, um determinado padrão de homem, de política, de religião, de arte, de cultura. Também sempre esteve próxima às diferentes respostas do poder em relação às demandas dos ditos diferentes. Respostas que, muitas vezes, resultaram em formas violentas e excludentes de se tratar o outro: colonização, inquisição, cruzadas, escravidão, nazismo, etc” (GOMES, 1999, p. 03).

Há anos diversos movimentos sociais têm reivindicado a diversidade em suas lutas por reconhecimento, tais como o movimento feminista que questiona o patriarcado, o movimento LGBTQI, que defende o direito de viver a sexualidade e o gênero de outras formas, que não apenas pelo padrão cisgênero e heteronormativo, o movimento negro que luta pela igualdade racial.

A luta das diversidades contra os sistemas históricos de dominação e opressão é uma luta constante. Mas, para que de fato essa luta seja vitoriosa é preciso implementar políticas públicas, alterar relações de poder, questionar preconceitos e

lutar por direitos.

Acredito na potência de projetos educativos, que assim como os movimentos sociais, praticam essas micro rupturas com o sistema dominante. No entanto, existem fissuras tão profundas no processo de transformação social que fica difícil subverter a lógica da dominação, pois a lógica dominante não quer deixar de assim ser. E permanece através de suas engrenagens reforçando e fabricando seus aparatos de exclusão social.

As violências contra as diferenças acontecem de maneira tão orquestrada e bem estruturada, que mesmo quando falamos sobre tolerância, a diversidade é minimizada.

A diversidade, quando colocada no lugar da tolerância, já traz a ideia de que uma determinada forma de ser e existir é a correta, a padrão, a aceitável. Transformando assim, a outra em diferença, anormalidade, estranheza, exótica, desigual. Essa perspectiva da diversidade gera práticas de violência, de racismo, de homofobia, lesbofobia, transfobia e preconceito religioso.

Somos diferentes em raça/etnia, sexo, idade, gênero, crenças, classe. Tudo isso está presente nas relações humanas, portanto é essencial levar essas discussões para a escola.

Construir um projeto educativo de escola que visa romper com a ideia de homogeneidade é essencial para que as diversidades sejam percebidas pela sua riqueza e ganhem espaço de fala, de representatividade de discussão desde a infância.

Acredito na potência dessa discussão e reflexão em sala de aula. Mais do que um discurso simplista de respeito às diferenças, precisamos apresentar aos alunos as discussões políticas que envolvem a diversidade. Mas precisamos também valorizar tal discussão em sua riqueza, em suas possibilidades de troca.

Falar da diversidade é algo complexo, não tenho a pretensão ou a inocência de pensar que este trabalho irá modificar as estruturas de poder e dominação social de maneira profunda, mas acredito nas mini rupturas. Espero ter causado alguma delas durante esse processo.

4 O PERCURSO

Este projeto foi desenvolvido com base em três eixos, introdução à linguagem do cinema de animação, exibição e análise de vídeos e produção de animações. Os filmes exibidos para a sensibilização nortearam as discussões e debates acerca do tema elencado. A produção de pequenas animações sobre as temáticas étnico-racial e de gênero foram abordadas no segundo semestre de 2018 e culminaram em vídeos distintos.

Para facilitar o entendimento da criação dos vídeos, dividi este trabalho em dois módulos. Sendo que o Módulo 1 apresenta a criação do Vídeo “Alma não tem cor” que aborda a temática étnico-racial. Já o Módulo 2 do projeto descreve o processo de desenvolvimento da animação “Agora vai acabar” que aborda a temática de gênero.

Os passos em direção à criação dos vídeos foram lentos. Como parte deste processo de criação foi fundamental conhecer um pouco mais a ideia que os alunos possuíam de cinema e de animação. Procurei fazer com que essa aproximação acontecesse da maneira mais natural possível, através de conversas informais, no momento de criação dos desenhos ou diretamente para a turma durante a apresentação dos vídeos.

Perguntei aos alunos e alunas como era sua relação com a cultura do cinema e da animação. Alguns poucos disseram nunca terem ido ao cinema, mas a maioria dos alunos relatou que a aproximação com o audiovisual sempre aconteceu através de outras mídias como os celulares, tablets, computadores e a televisão.

O deslocamento deste lugar do cinema das grandes salas também é importante, pois é como esse cinema é vivido e consumido pela maior parte dos alunos, como cinema móvel que levamos em nosso bolso, que vemos em nossa sala de casa quando acessamos plataformas de streaming ou sites de compartilhamento de vídeos.

Expliquei para os alunos porque falamos cinema de animação e não apenas desenho animado, disse a eles que o cinema de animação envolve diversas técnicas que não apenas o desenho animado e citei algumas delas, como o stop motion.

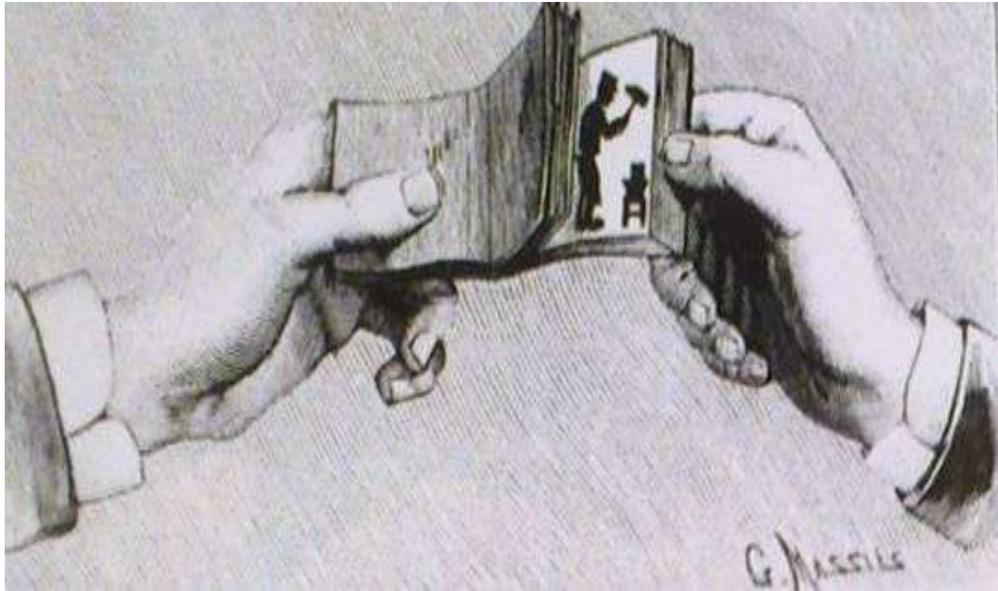
Logo no princípio do segundo semestre desenvolvemos os estudos sobre cinema e animação. “Começamos pelo início”, sim, com o início do cinema. Os brinquedos óticos são considerados por muitos uma espécie de pré-cinema. Descobertos no século XIX, eles eram considerados como aparatos de diversão da sociedade burguesa na época. Através de ilusões de movimento e animação encantavam tanto crianças quanto adultos.

Estes aparentemente singelos brinquedos foram de fundamental importância para o advento do cinema. Foi graças à construção destes brinquedos óticos que descobriram a persistência da imagem na retina. Uma particularidade do olho humano que retém imagens na retina por frações de segundo o que nos leva a sensação de movimento.

Após uma breve explicação sobre o pré-cinema os alunos partiram para prática e construíram seu primeiro brinquedo ótico, o folioscópio. A palavra Folioscópio vem do grego *fólio* (folha) + *skopeîn* (ver; observar).

Um folioscópio é uma coleção de imagens organizadas sequencialmente, em geral no formato de um pequeno livro para ser folheado dando impressão de movimento, criando uma sequência animada (MONTEIRO, 2013).

Figura 1: Exemplo de um Folisocópio



Fonte: Wikipedia, 2019.

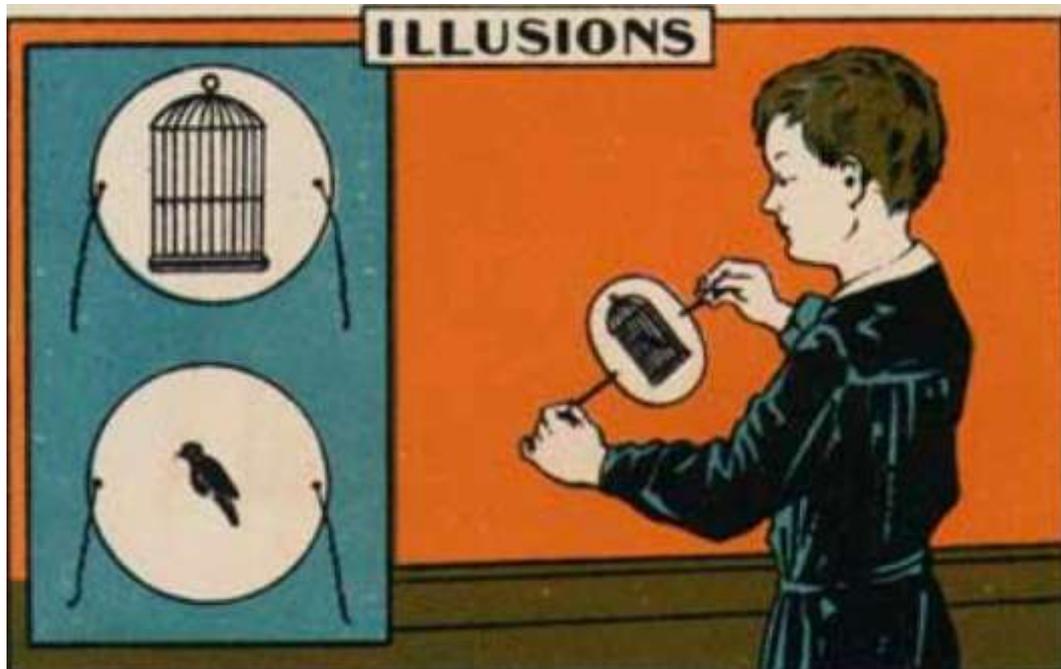
Este brinquedo é muito popular e alguns alunos já o conheciam, o que tornou fácil o desenvolvimento da atividade.

Outro brinquedo muito interessante é o taumatrópio, este foi o segundo aparato utilizado para ensinar os princípios da animação.

A palavra Taumatrópio vem do grego *thaûma* (maravilha) + *tropos* (virar, transformar) que significa “que se transforma em algo maravilhoso”.

O Taumatrópio é um brinquedo de ilusão de ótica que popularizou-se através do médico e físico inglês, Dr. Paris, em 1824. Este brinquedo é formado por um disco com 2 desenhos, um em cada face. Este disco é atravessado por um fio, que ao ser girado, provoca a fusão das duas faces. Ele não reproduz movimento, mas estabelece uma ligação ótica entre duas imagens separadas.

Figura 2: Exemplo de um taumatrópio



Fonte: Wikipedia, 2019.

Por exemplo, se for desenhado num lado do disco uma gaiola e no outro um passarinho, ao rodar o fio esticado, as duas imagens fundem-se dando a impressão de que o pássaro está dentro da gaiola.

Após a criação dos brinquedos ópticos, partimos para criação de vídeos experimentais. A técnica utilizada foi a de *stop motion*. A tradução literal para o português é a de “movimento parado”. Neste tipo de animação um objeto é fotografado diversas vezes em diversos ângulos, sofrendo leves mudanças em sua posição.

Dessa forma, ao assistirmos as imagens projetadas a 24 quadros por segundo, nosso Cérebro é “enganado” e temos a sensação de que o objeto está em movimento. Para criação dos vídeos de stop motion utilizamos brinquedos e objetos. Os alunos mostraram-se muito empolgadas com a criação destes primeiros vídeos o que gerou maior interesse pelo projeto.

Figura 3: Exemplo de criação de animação com a técnica de stop motion



Fonte: Wikipedia, 2019.

Após estudarmos diversas técnicas de animação e criarmos alguns vídeos iniciamos o debate sobre as questões étnico-raciais e de gênero.

Para abordagem dos temas usei videoclipes, animações, longas-metragens e filmes de ficção. Os vídeos utilizados para essa sensibilização encontram-se anexos a este trabalho (Anexo A).

Mesmo as temáticas de gênero e relações étnico-raciais não tendo sido abordadas por um longo período durante as aulas, acredito que este disparo sobre os temas atingiu a turma de maneira positiva e levou à reflexão e à discussão dos assuntos propostos. O uso da música e do audiovisual foram grandes aliados para desenvolver uma linguagem que se aproximasse dos alunos e comunicasse de maneira mais fácil.

Durante o desenvolvimento do projeto pensei se daria conta de abordar temas tão diferentes em sala de aula e ainda produzir vídeos que falassem sobre essas temáticas. Fiquei com medo de que o projeto soasse superficial ou mesmo raso.

Enquanto mulher branca questioneei sobre a validade de falar sobre o assunto em sala de aula. Mas, lendo Davis (2016) percebi a importância de a branquitude lutar por uma educação antirracista.

O conceito de interseccionalidade estudado durante o LASEB (Lato Sensu em docência na educação básica) também foi importante para minha decisão em desenvolver ambas temáticas em sala de aula. Pois os atravessamentos sobre as vidas e identidades dos sujeitos são diversos e as formas de se produzir desigualdades também. Crenshaw (2002, p.177) define a interseccionalidade como formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo.

Portanto essa “diferença dentro da diferença” precisa ser vista e considerada. É necessário criar a percepção da complexidade das identidades e das desigualdades sociais. Vendo que essas desigualdades possuem intersecções e se conectam em diversos momentos.

Esta visão integrada é essencial para reconhecer a multiplicidade de sistemas de opressão e a interação que estes sistemas causam na reprodução de desigualdades sociais. Para que de fato lutemos por uma educação mais democrática precisamos ver estes sujeitos de maneira integral. Através de todos estes sulcos que atravessam raça, classe, gênero e sexualidades.

4.1 1º Módulo do projeto: Relações étnico-raciais na escola e o mito da democracia racial

“São mais de 500 anos de atraso!” Disse um dos professores do LASEB em um dia de aula... ‘Mais de 500 anos que meu povo foi trazido pra cá e foi massacrado!’

A escravização deixou marcas tão profundas que a história nunca será capaz de cicatrizar. Marcas essas que naturalizaram por séculos posturas discriminatórias e racistas.

Hoje tenta-se construir a falsa ideia de que existe igualdade entre negros e brancos.

É como se dissessem: - Esqueçam das cicatrizes causadas durante os 500 anos. Somos todos iguais em direitos!

O mito da democracia racial foi construído com o desejo de se apagar as marcas de violência do processo de escravização.

Pela perspectiva da democracia racial negam-se os conflitos e as tensões, afirmando-se que na mistura das raças todos são iguais, o que possibilita o exercício de uma sociabilidade amigável. Celebrando uma espécie de folclorização, essa noção foi largamente difundida e assumida pela população branca e negra, marcando presença nas falas, nos gestos, nas práticas, nas políticas públicas e construindo e sustentando um imaginário poderoso (SOUZA, 2007, p.18).

Ainda hoje vemos como é forte a ideia de democracia racial no imaginário da população. Não é raro vermos as justificativas sobre as desigualdades sofridas pela população negra serem colocadas apenas no bojo do socioeconômico, enquanto as questões de raça e gênero são minimizadas ou negadas enquanto fatores dessa desigualdade. Desconsiderar a história do Brasil e minimizar as marcas deixadas durante este processo, apenas aumentam as desigualdades entre negros e brancos.

Do mito da democracia racial à efetiva garantia e igualdade de direitos existe um longo percurso pois o “O racismo fornece o sentido, a lógica e as tecnologias para as formas de violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2018, p.16).

Segundo Almeida (2018) as expressões do racismo cotidiano, seja ele nas relações interpessoais, seja na dinâmica das Instituições, fazem parte de algo mais profundo que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade

A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.

Precisamos nos empenhar de diversas maneiras em ações contra o racismo, o preconceito e as discriminações. Precisamos problematizar e desnaturalizar o que foi construído historicamente. Buscar através de políticas públicas, de leis, na desconstrução cotidiana da lógica dominadora.

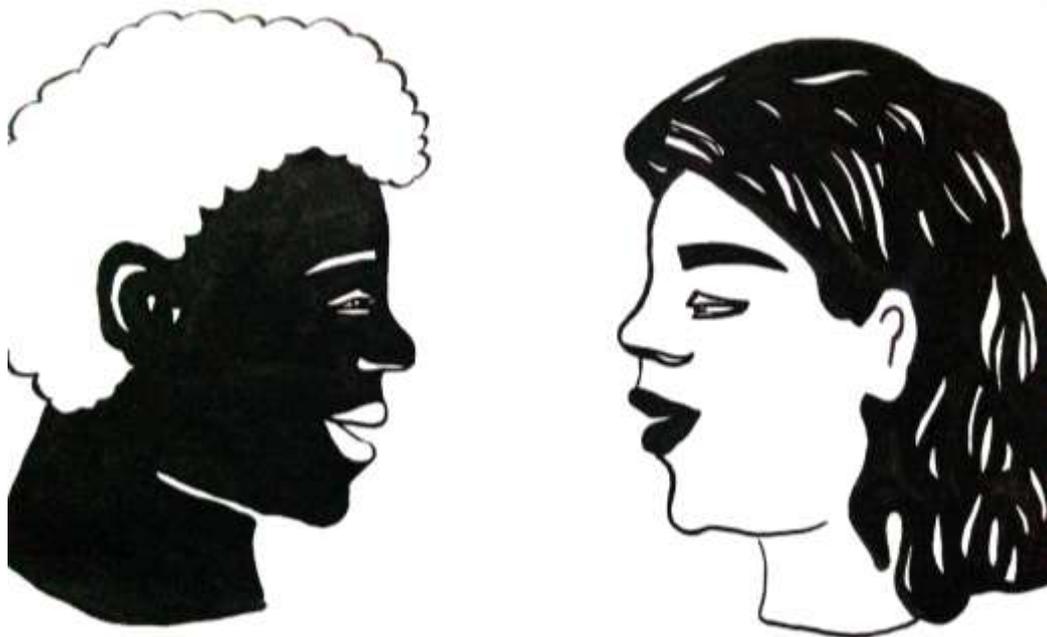
Apesar deste trabalho não ter como foco a lei 10.639/03 acredito que seja importante cita-la enquanto instrumento de luta e de reconhecimento das

reivindicações históricas da comunidade afro-brasileira. A lei em questão incluiu no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básicos da rede pública e privada do país a obrigatoriedade do estudo da temática da história e cultura afro brasileira. Tal instrumento é essencial para diminuir a desigualdade presente no sistema educacional. Promovendo o (re) conhecimento da história, da cultura, da ancestralidade do povo negro, desconstruindo mitos e preconceitos em relações a esses.

A repercussão da lei desta forma, também é política, pois busca o currículo escolar voltado para a diversidade cultural, racial e social do Brasil, além disso oferece caminhos e práticas nesses processos de busca por mais igualdade efetiva de direitos.

4.2. O processo de criação da animação “Alma não tem cor”

Figura 4 - Imagem da animação “Alma não te cor”



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

No início do ano de 2018 havia trabalhado autorretrato com essa turma, essa é uma atividade que sempre proponho em minhas aulas, pois é parte do processo de

autoconhecimento.

No primeiro autorretrato os alunos tentam se lembrar de todas as suas características físicas e transporta-las para o papel. Nesta primeira atividade muitos alunos negros e pardos se fizeram com características de anime, com grandes olhos azuis, cabelos lisos e loiros.

Em um segundo momento entreguei um espelho para cada um dos alunos e solicitei que desenhassem o que estavam vendo. Lembrei-os que em um desenho de observação devemos analisar aquilo que estamos desenhando e tentar captar a essência daquela imagem. Sugeri que observassem bem qual o tamanho dos seus olhos, qual a sua cor, como é seu nariz, sua boca, suas orelhas e seu cabelo.

Nesta segunda atividade os alunos passaram a se perceber melhor, mas alguns continuaram se desenhando loiros de olhos claros. Certo dia uma aluna do LASEB disse algo que resume essa ação dos alunos e relaciono muito com essa atividade. “Em uma sociedade racista, onde toda a lógica é branca, não é fácil para uma criança se reconhecer negra.”

A vivência, a ancestralidade e a memória cultural de cada aluno é ponto chave para seu processo de criação, dá a importância em se conhecer o que este aluno traz. Quais marcas incidem sobre seus corpos e histórias.

Mais adiante perguntei aos alunos quantos heróis negros eles conheciam? E quantas princesas negras já haviam visto no cinema e na televisão? Como as pessoas negras eram representadas nessas mídias?

Talvez esses alunos nunca tivessem questionado isso. O racismo estrutural tem a capacidade de naturalizar as violências. A violência de ausência de representatividade negra nas mídias é uma delas.

Após um pouco de conversa os alunos conseguiram apontar alguns nomes de heróis e princesas negras.

- “A fêssora, tem o Lanterna Verde”.

- “E tem aquele que passa no desenho, no SBT... É o...”

- “Princesa negra, tem aquela no filme da princesa e do sapo”.
- “Tem um filme novo também Pantera Negra”.

Apesar de conseguirem citar alguns personagens, ficou claro como esse número é reduzido frente aos inúmeros heróis e princesas brancas. Depois de muitos autorretratos, exibição de filmes e vídeos, conversas e desenhos propus a criação de uma animação.

Em novembro de 2018 o projeto começou a tomar mais forma e caminhamos para criação de nossa primeira animação sobre a temática da diversidade. Foram realizadas rodas de conversa, exibição de vídeos e apresentação de trabalhos sobre a temática étnico-racial.

Após dialogarmos um pouco pensamos sobre como criaríamos a animação, qual seria seu roteiro e qual técnica iríamos utilizar? O grupo achou que seria interessante ilustrar uma música sobre o tema, apresentei para eles a música “Alma não tem cor”. A Música é do compositor André Abujamra e é cantada por Chico César, todos gostaram da ideia, decidimos então ilustrar tal música.

A técnica escolhida para o desenvolvimento do vídeo foi a de uma animação tradicional. As imagens foram criadas em papel branco e os desenhos foram feitos com tinta nanquin. As alterações em cada desenho foram realizadas por meio de uma mesa de luz, própria para o cinema de animação. Como o próprio nome sugere a mesa de luz é uma mesa que possui luzes. Para se criar a ilusão de ótica causada pela animação é necessário copiar o desenho anterior criando neste pequenas alterações. A mesa de luz auxilia nesse processo, gerando transparência ao desenho realizado anteriormente.

O vídeo tem início com a música “Alma não tem cor” cantada pelo artista, cantor e compositor Chico Cesar. O uso do preto e do branco surge como algo representativo e simbólico para as diferenças raciais no desenho. Durante o processo de criação conversamos sobre a variedade de tons de pele possíveis e que o preto e o branco enquanto cor não representariam cores reais de pele. O desenho enquanto linguagem também carrega símbolos e representação.

O uso da linha do traço e do contorno com o lápis e do papel branco foi pensado

enquanto saída visual para criação do vídeo e diálogo com a música “Alma não tem cor”. Em vários momentos da animação as cores se transformam ou se fundem. A ideia de pássaro enquanto metáfora para alma também aparece em diversas cenas do filme.

Ao todo foram criados mais de 150 desenhos para produção de uma animação com cerca de dois minutos. A animação foi editada em um aplicativo de celular chamado Viva vídeo, os alunos participaram da edição, que foi realizada na própria escola. Após alguns meses da edição, exibimos o vídeo para toda comunidade escolar.

A criação desta animação esbarrou em alguns obstáculos técnicos e imprevistos durante o caminho, que foram desde o meu pouco conhecimento técnico sobre a edição de vídeo até a minha transferência para outra escola em julho de 2019.

O vídeo foi exibido em setembro de 2019 após a minha saída da escola, que aconteceu em Julho deste ano. A exibição ocorreu durante a mostra cultural da escola em questão. Quando contei sobre meu interesse em exibir o vídeo a direção e coordenação demonstraram interesse e abertura para isso. Separaram uma sala para que o vídeo e os desenhos fossem expostos.

Distribui pela sala os mais de 150 desenhos feitos para a criação da animação. As imagens foram dispostas em sequência como se fosse o rolo de um filme. O vídeo foi projetado em data show e as cadeiras da sala foram distribuídas de forma que as pessoas que por ali passavam pudessem sentar-se para apreciar a animação. Apesar do baixo número de visitas a sala, calculo que cerca de 60 pessoas, os pais, alunos e professores que por ali passaram acharam o vídeo e o projeto muito interessante. Algumas das alunas que participaram do projeto contaram aos pais e visitantes sobre o processo de criação do vídeo e o porquê do uso da música e da temática étnico-racial.

Mesmo com tantos atravessamentos durante o processo, creio que a experimentação da linguagem audiovisual foi valorosa para o grupo. O fazer coletivo é algo difícil de descrever, pois parte de visões que são múltiplas. Apesar da animação não possuir uma sequência de cenas que se completem, acredito que elas dialogam. Cada cena animada foi construída por uma aluna ou por um dos professores envolvidos, neste caso o outro professor de arte da escola e eu. Mesmo

não estando envolvido com todo o projeto, o outro professor de arte da escola contribuiu bastante nessa fase de animação.

Apesar de a música e a animação apresentarem elementos que discutam a igualdade nas relações étnico-raciais. Avalio que alguns alunos se prenderam ao discurso de igualdade de forma mais simplista.

A verdade é que Alma não tem cor, mas o preconceito e o racismo têm. E talvez a animação não tenha se aprofundado nas marcas da desigualdade racial.

Acredito que apesar da beleza estética apresentada nesta animação, faltaram elementos que de fato discutissem a temática étnico-racial de maneira mais ampla como necessário. Avalio que as discussões em sala de aula, os vídeos apresentados e o processo possam ter sensibilizado de maneira mais eficaz do que este produto final. Mas acredito também que este é um caminho para se discutir diversidade em sala de aula e este é um projeto com potencial.

Gostaria de ter realizado outros vídeos e animações, mas infelizmente o tempo brinca com a gente e as vezes nos engole durante o ano letivo.

Claro que não desnaturalizaremos o racismo estrutural em apenas um dia, com um projeto de criação de animações e exibição de vídeos. Esta luta deve ser constante em nossas vidas

Penso também que cada corpo fala de uma forma e das experiências que vive. O desejo de desconstruir práticas racistas em sala de aula existe, mas enquanto mulher branca não vivencio o racismo em meu corpo. O que me leva a um outro lugar de fala.

Precisamos lutar por representatividade nos espaços. Ainda possuímos poucos professores e educadores negros dentro das escolas, quando comparamos isso ao número de professores brancos.

A branquitude precisa refletir sobre seu lugar de privilégio, de forma que isso ultrapasse apenas as palavras e as redes sociais. Desenvolver práticas antirracistas e promover a discussão política sobre os assuntos na escola é um dos caminhos pela busca da igualdade racial.

4.3 2º Módulo do projeto: Uma questão de gênero

Gênero é um conceito socialmente novo, fruto do movimento feminista contemporâneo. No entanto, as relações de gênero existem muito antes de qualquer definição conceitual. São inerentes a existência humana.

Judith Butler uma das pesquisadoras mais importantes nessa área, busca entender a formação de gênero e discutir a noção de que a expressão de gênero é um direito, não é uma “ideologia”.

(...) a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p.26.).

Neste trabalho em especial nos interessa as reproduções de desigualdade de gênero causadas pelos sexismo.

A desigualdade de gênero é um fenômeno social e está relacionada a discriminação ou preconceito com outra pessoa por conta de seu gênero. As relações de desigualdade de gênero são observadas em diversas esferas sociais. Tais assimetrias acontecem em diversos campos sociais, como o profissional, por exemplo, o familiar e o educacional.

Pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) demonstram que mesmo exercendo as mesmas funções, pessoas do gênero feminino possuem salários inferiores aos de pessoas do gênero masculino. Essa diferença pode alcançar valores até 20% mais baixos quando comparados aos dos homens. Tais desigualdades são acentuadas também pelas questões raciais, sendo que estas diferenças se tornam ainda maiores no caso de mulheres negras.

As relações hierárquicas presentes na construção familiar também estão relacionadas ao gênero. Ainda segundo pesquisa realizada pelo IBGE mulheres

brasileiras trabalham cerca de oito horas a mais durante a semana em afazeres domésticos e cuidados de familiares do que os homens

Além das assimetrias citadas poderíamos apontar diversas outras como a diferença no número de mulheres que ocupam cargos na política ou o menor número de oportunidades em esportes. Essas habilidades não estão relacionadas a características inatas, mas sim a fatores culturais e ao preconceito de gênero no Brasil.

Essa naturalização do machismo se dá pelo fato de nós mulheres e homens sermos socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Consequência disso é que mulheres podem ser tão sexistas quanto os homens.

O patriarcado só pode ser desconstruído se junto desconstruirmos a naturalização dessas práticas sexistas. Essa luta deve ser de homens e mulheres juntos. Mas a manutenção dessa estrutura sexista do poder só poderia ser desemparelhada junto a outros mecanismos de opressão que o acompanham, como o racismo, o imperialismo, elitismo e as relações de poder impostas pelo capital.

O feminismo é um movimento de fundamental importância na luta no combate à desigualdade de gênero. Em tempos em que a luta feminista é vista como “mi mi mi” e como um conceito de machismo ao inverso é importante dizer sobre o conceito de feminismo.

Ao contrário do machismo que prega a ideia do homem como superior a mulher. O feminismo defende a ideia de igualdade e que as pessoas de gênero feminino tenham os mesmos direitos políticos e sociais que as pessoas de gênero masculino.

Segundo Bell Hooks¹ (2019, p.13), o “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”.

Muitos dos direitos adquiridos pelas mulheres, como, por exemplo, o direito ao voto, são resultados da luta feminista. A luta contra a desigualdade de gênero é também

¹ Bell Hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas. A justificativa, segundo a própria Bell é: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.

uma luta contra o patriarcado, que instituiu uma sociedade dominada pelos homens, onde as mulheres têm papéis secundários.

Para Bell Hooks (2019) as discussões de classe e raça presentes no movimento feminista não banalizaram a insistência feminista de que a sororidade é poderosa, apenas enfatizaram que a luta feminista não deve desconsiderar que somente podemos nos tornar irmãs de lutas quando confrontarmos as maneiras pelas quais mulheres exploram as outras através de sua classe e raça.

4.4 - O processo de Criação da animação “Agora vai acabar!”

Paródia da música “Agora vai sentar” – Música de: Mcs Jhowzinho & Kadinho

Figura 5: Imagem da animação “Agora vai acabar”



Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

As relações de igualdade de gênero estão ligadas as lutas por direitos humanos e as lutas feministas que buscam garantir direitos civis e políticos para todos os cidadãos, independente de raça, classe ou gênero.

Neste trabalho desenvolvido com os alunos, dei ênfase as relações de desigualdade de gênero e a construção social que torna homens e mulheres desiguais. Na

tentativa de buscar uma maior reflexão sobre o assunto, utilizei-me de vídeos que tratavam da temática desigualdade de gênero.

Durante o trabalho, chamei a atenção das alunas e alunos para as desigualdades que se cruzam através de diversos fatores, como os de raça e gênero. Neste momento assistimos o filme *Histórias cruzadas*, que relaciona a história de mulheres negras, que trabalhavam como empregadas domésticas e a histórias de mulheres brancas de classe média. O filme é ambientado na cidade de Jackson, Mississipi, EUA, na década de 60, período em que o movimento negro e feminista crescia nos EUA. Na história surgem conflitos de raça e gênero de maneira muito nítida.

Após assistir o filme os alunos, quando questionados, conseguiram identificar diversas cenas de racismo presentes na história, assim como cenas de sexismo. Mais adiante exibi vários vídeos relacionados a temática de desigualdade de gênero, também mostrei aos alunos alguns clips vários vídeos com paródias de músicas funk. Para a surpresa dos alunos as músicas desconstruíam a lógica machista presente em algumas letras de funks, eram uma resposta de mulheres que não concordavam com aquelas letras.

Neste momento discutimos um pouco sobre algumas expressões usadas no funk e como não prestamos a devida atenção ao sentido de algumas frases ou como apenas reproduzimos falas muitas violentas, sem nenhuma reflexão sobre elas.

Dar visibilidade as relações de gênero nas músicas de funk produziram desconfortos por parte de alguns dos meninos da turma, talvez por entenderem que o enfoque naquele momento não era discutir a cultura do funk e sua importância enquanto manifestação artística. Mas sim, como as relações de gênero são colocadas nas músicas e clipes.

Questionar o machismo nunca é algo fácil, principalmente enquanto se está no lugar de opressor e privilegiado. Contudo, a abordagem dos vídeos suscitou a manifestação de importantes discussões centradas nas questões de gênero, machismo e feminismo. Claro que esses temas não foram abordados de maneira tão densa, pois são adolescentes de 12, 13 e 14 anos de idade.

Não passamos para conceitos aprofundados, mas sim partimos para experiência e

vivências dos sujeitos ali presentes e pela experiência e entendimento que cada um possuía acerca dessas questões.

Logo passamos para a criação das paródias com músicas de funk, este foi um momento muito rico do projeto. Quando meninas adolescentes cantam e contam com “novas vozes” letras que antes colocavam mulheres em relações de subalternidade as colocando enquanto sujeitas de suas próprias histórias.

Contribuímos para ressignificar ou ao menos questionar as relações de gênero antes impostas. As alunas se colocam como autoras desse processo, construindo outras palavras que lhes representem, que digam sobre seus sentimentos e como se sentem enquanto mulheres.

Cada palavra redirecionada e questionada faz com que falas machistas não sejam naturalizadas por elas. As alunas continuam consumindo funk, esse é um tipo de música que elas gostam. No entanto, seu ouvido parece ficar mais atento e seu olhar mais apurado para falas que subalternizaram o gênero feminino.

Por mais de uma semana, chegavam em minhas mãos diversas letras de música transformadas em paródias, as alunas se mostravam empolgadas com suas criações. Uma delas que tocava violão tratou de dar ritmo e melodia para criações de todas as colegas, foi aí que decidimos fazer mais um vídeo musicado. Gravei as alunas e o áudio da música no pátio da escola. Na semana seguinte projetei o vídeo na sala de aula de aula para que todos vissem a produção das colegas, a turma gostou bastante, acho que poderíamos ter feito aquilo por semanas que ficaríamos felizes.

A criação dos desenhos neste momento foi feita por mim e não houve participação dos alunos. O projeto foi interrompido durante sua execução após a reclamação de algumas famílias que não queriam que as filhas estudassem sobre desigualdade de gênero na escola. Apesar da frustração e tristeza em interromper o projeto chegando próximo ao fim, resolvi concluir as animações trabalhos que já haviam sendo desenvolvidos, de modo a concluir o que já havíamos dado início. Usei a técnica de rostoscopia digital. Na técnica em questão os frames de um vídeo são separados e coloridos em programas no computador, posteriormente essas imagens são unidas e transformados novamente em vídeo. Ao todo utilizei cerca de 100 imagens para

criação desta animação. O áudio com a gravação das alunas e alunos foi incluído posteriormente durante a edição do vídeo.

Apesar do pouco tempo de duração deste projeto, percebi um envolvimento maior da turma com este módulo de trabalho. Durante o desenvolvimento das ações o foco sobre gênero se deu frente às violências sofridas pelo gênero feminino diante do machismo estrutural. Apesar do conceito de feminismo não ter sido abordado com profundidade, as alunas demonstraram conhecimento prévio sobre o assunto e disseram acompanhar um pouco das discussões nas redes sociais, vídeos na internet ou mesmo entre o grupo de amigas.

As letras de paródias demonstram que as alunas se envolveram com o projeto e entenderam o propósito de ressignificar as músicas, levando a elas um conceito de busca pela igualdade e de reação contra as violências sofridas.

Durante momentos de conversa após a exibição dos vídeos algumas alunas contaram histórias de violências sofridas por suas mães e avós. Muitos casos de violência doméstica, onde mulheres foram agredidas por seus maridos por anos, por vezes saíram desse ciclo de violência, por outras permaneceram, diante do medo.

No momento de criação das músicas e vídeos esses casos de violência aparecem em forma de letra. Histórias onde os homens, assediam, ameaçam, agridem e violentam mulheres, algumas vezes de maneira física outras de maneira

Algumas alunas disseram da importância para elas de falarem sobre aquele assunto que pouco era abordado na escola.

Para desnaturalizar essa lógica de violências precisamos discutir sobre gênero, sexismo, feminismo e machismo dentro das escolas. A escola é um campo rico para tal reflexão. Acredito que a inclusão dos homens neste processo é essencial. Bell Hooks (2019) ainda afirma que para desconstruir a lógica patriarcal precisamos nos esforçar para ampliar essas discussões e levar essas informações de uma maneira mais ampla, para mulheres e homens, caso isso não ocorra a teoria feminista será sempre enfraquecida

O diálogo sobre gênero também vem sendo silenciado há alguns anos. Falar de gênero parece violentar mais do que a realidade retratada nos televisores que

escorrem o sangue de mulheres assassinadas e vítimas de feminicídio. Barrar discussões de gênero nas escolas para além de silenciar as falas de mulheres que lutam por maior igualdade entre os gêneros, visa negar a identidade de pessoas trans e não binárias.

Em um momento de ataque as diversidades, precisamos de escolas que busquem por uma educação libertária. As Diretrizes Curriculares Nacionais consideram que a adoção de uma perspectiva multicultural em relação aos currículos escolares contribui para uma sociedade mais democrática. Para que não sigamos na contramão da democracia é essencial lutar por uma escola laica, livre de preconceitos e que respeite as diferenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do meu interesse pelo cinema de animação, não posso dizer que tenho uma intimidade tão grande com a sétima arte. A própria experiência com a produção de vídeos é pequena, mas meu fascínio segue pelas imagens e desenhos em movimento. Acho que persisti com essa ideia, pois percebi o mesmo encantamento por parte dos alunos ao criarem vídeos simples nas aulas de arte.

Nunca tivemos a pretensão de criar superproduções cinematográficas. Mas sim, seguimos no desejo de experimentar, vivenciar, criar animações e vídeos próprios transformando nossos desejos e ideias em algo possível.

Ao longo de seis meses o projeto exibiu, discutiu e produziu vídeos sobre a temática diversidade, essa foi uma singela tentativa de questionar a reprodução dos discursos hegemônicos presentes nos desenhos, no cinema e em outras mídias. O intuito foi o de colocar outros corpos em cena, pensando em representatividade no campo audiovisual.

Durante os estudos em cinema de animação partilhamos ideias, vivências e saberes acerca da arte, do cinema e da tecnologia audiovisual. Tecemos novas formas de criar e conviver no ambiente escolar. Resignificando esses espaços, seja transformando-os em laboratórios de criação artística, seja construindo uma sala de cinema.

O conhecimento que compartilhamos através da fala ou das imagens é muitas vezes menosprezado dentro de sala de aula. A busca por uma narrativa audiovisual foi uma pequena experiência, mas se mostrou potente. Alunos que não dialogam tão bem com a escrita conseguiram comunicar ideias, sentimentos e pensamentos diversos através da música e das imagens.

Foram vários os atravessamentos durante o ano. No início deste projeto imaginava um outro tipo de criação de vídeos, mas o resultado final perpassou pela criação e vivências desses diversos sujeitos participantes e ao final o projeto relacionou tanto com as músicas e os videoclipes quanto o cinema de animação.

O diálogo entre a animação e a educação e diversidade também apresentou

inúmeras possibilidades de interação. Envolver adolescentes neste processo só o tornou mais amplo, permitiu ao aluno ressignificar sua prática como espectador o levando para um lugar de criação. A criação é uma arma poderosa, seu tiro é certo, atravessa e amplia a mente do criador, traz questionamentos. Questionar é importante para entender...

Afinal qual voz queremos (re) produzir?

Este trabalho não teve a pretensão de acabar com a desigualdade de gênero ou com o racismo, mas sim criar micro rupturas na lógica desses sistemas de opressão.

A escola é um campo rico para discussão sobre o tema diversidade, mas ainda exploramos pouco a potência que existe nesse espaço, precisamos colocar as diversidades em cena.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silva. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento - Justificando, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** Cruzamento: Raça e gênero. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas.** Ano 10, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo.** Tradução de Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural:** refletindo sobre as diferenças presentes na escola. 1999. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

MONTEIRO, Thalita Botelho. **Cinema de animação no ensino de arte:** Experiência e narrativa na formação da criança no contexto de Campesino, 2013. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_7224_Cinema%20de%20Anima%E7%E3o.pdf. Acesso em: 28 nov. 2019.

PARÁISO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>. Acesso em: 28 nov. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento - Justificando, 2017.

SOUZA, Ana Lucia Silva; CROSO, Camila. **Igualdade das relações étnico-raciais na escola:** Possibilidades e desafios para implementação da Lei nº 10.639/2003.

São Paulo: Editora Petropolis, 2007.

SOUZA, Edileuza Penha. **Negritude, cinema e educação**: caminhos para implementação da lei 10.639/2003. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A diversidade cultural vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A infância vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel. **A mulher vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. **Telas da docência**: professores, professoras e cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ANEXOS

ANEXO A – LINK PARA ASSISTIR AS ANIMAÇÕES

Acesso os Links abaixo para fazer o download e assistir os vídeos que foram produzidos durante o projeto.

Vídeo 1 – Animação da música “Alma não tem cor” - Cantada pelo artista de Chico Cesar

https://drive.google.com/open?id=1FD8sD6Y0y0qKLeqSsaaFAPsFIfmQU7f_

Vídeo 2 - Animação: “Agora vai acabar” - Paródia da música “Agora vai sentar” - Música de MCs Jhowzinho & Kadinho

<https://drive.google.com/open?id=1uWopMB3bO5mGP7djOXHlkKCSlq4SSoy8>

ANEXO B – LINK PARA OUVIR AS PARÓDIAS ESCRITAS E GRAVADAS PELAS ALUNAS

Agora vai acabar - Paródia da música “Agora vai sentar” - Música de MCs Jhowzinho & Kadinho

Acesso o link abaixo para acessar o áudio das músicas gravadas

<https://drive.google.com/file/d/1LWyyz-xZ74aQGtOW3GfAmERbCgkJJog/view?usp=sharing>

Nem vem com essa historinha
 Que você vai me pegar
 Senta, escuta e aguenta não adianta tu apelar menino
 Se coloque no seu lugar

Cansei dessa sua ameaça

O machismo só se espalha
Pode tirar sua faca
O meu medo vai acabar

Vai, vai, vai
Agora vai acabar
Vai acabar
Vai acabar

Cansei dessa sua ameaça
O machismo só se espalha
Pode tirar sua faca
O meu medo vai acabar

Vou, vou, vou
Vou denunciar,
Denunciar, denunciar

Chega de machismo

Acesse o link abaixo para acessar o áudio das músicas gravadas

https://drive.google.com/file/d/1BBRJN9CbUFmzAzKcFINVVmztBsdI_ozI/view?usp=sharing

Todo dia a mesma coisa, você tá me olhando.
Vire pra lá, vire pra lá.
O machismo entre os homens é a moda.
Assim não dá, assim não dá.

Ah, onde o mundo vai parar? Vai parar.
Ah, em mim os homens não vão mandar!
Não vão mandar!

Um, O corpo é meu e eu faço dele o que eu quiser.
Dois, vou relaxar e da sua vida você vai cuidar.
Três, vou denunciar. Isso é considerado um crime.

Me respeite, eu sou uma mulher
Chega de machismo, eu sou uma mulher!
Chega de machismo, chega de machismo, me respeite, por favor.
Chega de machismo.

ANEXO C: IMAGENS DO PROJETO

Figura 6 - Imagem produzida na animação Alma não tem cor



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 7- Aluna criando a sequência de desenhos da animação Alma não tem cor



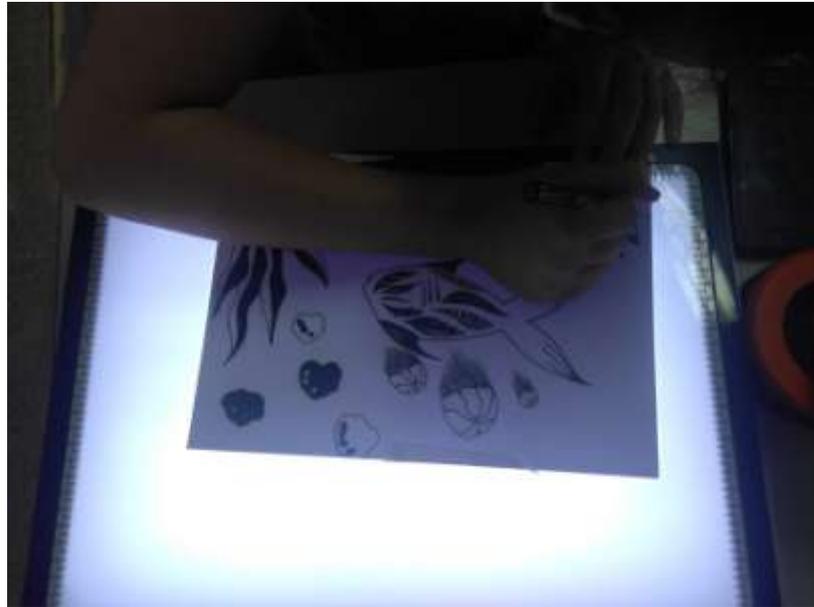
Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 8- Alunas fazendo a arte final nos desenhos com pincel e tinta nankin



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 9 - Aluna usando a mesa de luz para criar a sequência de desenhos na animação



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 10- Aluna arte finalizando desenho com caneta nankin



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 11 - Exibição da animação “Alma não tem cor”



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 12 - Desenhos originais da animação “Alma não tem cor ”



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Figura 13 - Alunas visitando a exposição de desenhos do projeto



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

ANEXO D - VÍDEOS EXIBIDOS PARA SENSIBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA DE GÊNERO E DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

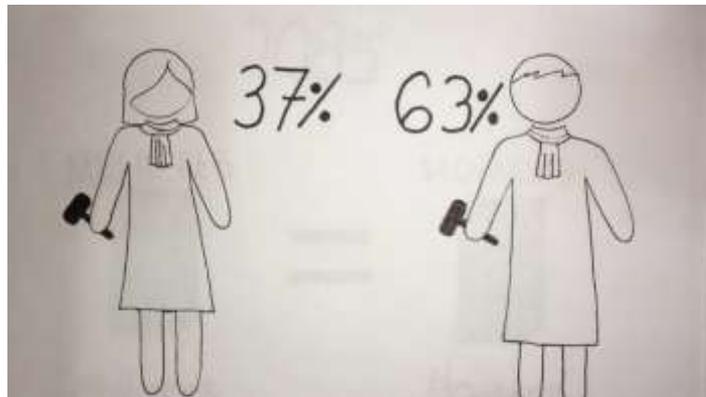
VÍDEOS EXIBIDOS PARA SENSIBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA DE GÊNERO

Figura 13 - Imagem do vídeo: Agora Vai Sentar (MCs Jhowzinho e Kadinho) - Jo Castanheira, Mari Nolasco, Carol e Vitoria Marcilio



Fonte: Youtube²

Figura 15 - Imagem do vídeo: Desigualdade de Gênero



Fonte: Youtube³

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l3l7jvnNL7U>. Acesso em: 19 nov. 2019.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74eofUlyx5o>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Figura 14 - Imagem do vídeo: Igualdade de Gênero



Fonte: Youtube⁴

Figura 15 - Imagem do vídeo: Elza Soares - Maria da Vila Matilde



Fonte: Youtube⁵

Figura 16 - Imagem do vídeo: Kell Smith - Respeita as Mina



Fonte: Youtube⁶

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCGLC-vziRc>. Acesso em: 19 nov. 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-m393EagdSk>. Acesso em: 19 nov. 2019.

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vjzKTYZMO_8. Acesso em :19 nov. 2019.

VÍDEOS EXIBIDOS PARA SENSIBILIZAÇÃO DA TEMÁTICA ÉTNICO RACIAL

Figura 17 - Imagem do vídeo Negra Tinta - Bia Ferreira e Caru Bonifácio

Fonte: Youtube⁷

Figura 18 - Imagem do vídeo de Bia Ferreira - Cota Não é Esmola | Sofar Curitiba

Fonte: Youtube⁸

Figura 19 - Imagem do vídeo: "Alma não tem cor" (Chico César)

Fonte: Youtube⁹

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiiBnepUwhE>. Acesso em: 19 nov. 2019.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>. Acesso em: 19 nov. 2019.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f0Z5T9Q7mbw>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Figura 20 - Imagem do vídeo: 2 minutos para entender - Desigualdade Racial no Brasil



Fonte: Youtube¹⁰

Figura 21 - Imagem do vídeo: Você sabe o que é racismo? | Quebrando O Tabu



Fonte: Youtube¹¹

Figura 22 - Imagem do Filme: Histórias Cruzadas



Fonte: Adoro Cinema¹²

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dU-hqu7aqj4>. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹² Disponível em: adorocinema.com. Acesso em: 19 nov. 2019.

VÍDEOS EXIBIDOS PARA INTRODUÇÃO A ANIMAÇÃO

Figura 23 - Imagem do filme Kiriku e a feiticeira

Fonte: Youtube¹³

Figura 24 - História trágica com final feliz

Fonte: Youtube¹⁴

Figura 25 - Imagem do filme Luminaris

Fonte: Youtube¹⁵

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ka_tzFF9c_w. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ooX0ZS9vou4&t=3s>. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7Z1VBQkdIM&t=103s>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Figura 26 - Imagem do vídeo Nina Simone - "My baby Just care for me"



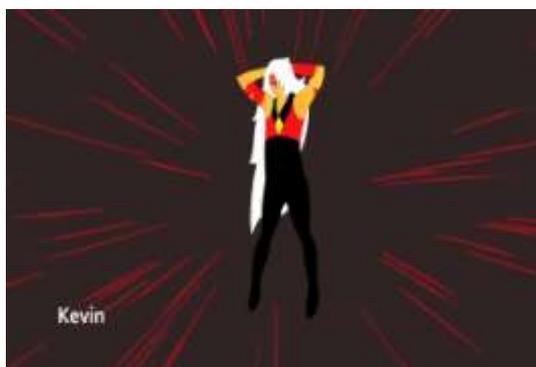
Fonte: Youtube¹⁶

Figura 27 - Imagem da animação MUTO



Fonte: Youtube¹⁷

Figura 28 - Imagem da animação Rotoscopia sweet dreams



Fonte: Youtube¹⁸

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X2AHuRvvHR4>. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JNouceQHchs>. Acesso em: 19 nov. 2019.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3iBBaZItivw>. Acesso em: 19 nov. 2019.

